

VISTO, LIDO E OUVIDO

ARI CUNHA

E-mail: ari Cunha@cbdata.com.br

Saúde se esfacela e o dinheiro vai para o ralo

Há uma discussão muito antiga sobre o dinheiro que o país aplica na saúde, e isso custou a perda do ministro Adib Jatene. No meio da discussão, Carlos Eduardo Ferreira, presidente da Federação Brasileira de Hospitais, apresenta suas versões com os números oficiais, pelos quais a gente fica sabendo da queda-de-braço no percentual dos gastos, ficando o setor público com 39,29% e o privado com 35,83% do orçamento, cabendo aos filantrópicos modestos 24,88%, na divisão de um bolo mensal da ordem de R\$270 milhões.

Por outro lado, observa-se que no Brasil existem 6.378 hospitais que prestam serviços ao SUS, oferecendo 503.461 leitos. Destes, 45,11% são privados, com 225.126 leitos.

Os gastos ambulatoriais consomem R\$285 milhões, ficando o setor privado com 20,57%, os filantrópicos com 16,19% e os públicos com

62,25%. Essas despesas pagam 105 milhões de atendimentos. O destaque desses dados está na pouca participação do setor privado na área ambulatorial, diz o documento da Federação, e explica que sua parte na assistência médica à população exige investimentos, especialização, mão-de-obra altamente qualificada, como para hemodiálise, quimioterapia, radioterapia, hemodinâmica e tomografias.

Diz Carlos Eduardo Ferreira que o setor privado tem tido sua participação diminuída, sendo que em 1990 era responsável por 51,08% dos gastos, e hoje recebe apenas 35,83%, para cobrar no final, que até 11 de novembro o governo federal não havia liberado o pagamento dos serviços prestados no mês de setembro, num total aproximado de R\$ 570 milhões, sem fazer referência a R\$1 bilhão de diferença de reajuste.